



A Hora da Estrela¹

Beatriz YUKI²

Marcelo José Abreu LOPES³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Por meio da observação direta e particular o cronista registra o instante brevíssimo e transforma o mais efêmero e episódico, na rica mistura de jornalismo e literatura. Da aparente simplicidade resgata-se o essencial. O atropelamento de uma pessoa em situação de rua motiva a produção de uma crônica que relaciona *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, à temática do medo e impotência diante da morte. O exercício do olhar garante ao cronista uma visão irreverente e aguda sobre o circunstancial.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; Clarice Lispector; opinião; medo; morte.

INTRODUÇÃO

A crônica *A hora da estrela*, produzida na disciplina de Criação de Texto II do curso de jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, explora o gênero textual opinativo a partir da reconstrução do atropelamento de uma pessoa em situação de rua e da intertextualidade com o livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

A partir da observação direta e individual a crônica atribui importância ao efêmero e retoma a capacidade de conferir significados ao circunstancial. Ao invés do simples registro factual montado pelo ângulo da objetividade jornalística (SÁ, 1987, p.7-9), a mistura jornalismo e literatura devolve ao leitor a capacidade de reflexão sobre o que lhe é contado.

Por meio de técnicas que estimulam o olhar diferenciado sobre o cotidiano, exercícios de expressão da subjetividade e imersão na temática, o cronista desenvolve “uma sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida” (SÁ, 1987, p.12). Assim, é dever do cronista arriscar-se a quebrar a hipótese sustentada por Ciro Marcondes Filho (2005, p.31) de que as pessoas olham a cidade em “plano geral”, ou seja, sem atenção ao detalhe. A exploração de técnicas de redação relacionadas à modalidade contribui para adicionar ao texto um caráter de “lirismo reflexivo” (SÁ, 2005, p.11). Porém, “esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado de linguagem,

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade produção em jornalismo opinativo.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: biazinhayuki@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: marcelopes@mackenzie.br.



uma inspiração sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade literária” (SÁ, 1987, p.22).

2 OBJETIVO

A crônica *A hora da Estrela* foi produzida na disciplina Criação de Texto II, do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, com a finalidade de desenvolver a capacidade de observação e incentivar a produção de textos opinativos para a *Paradoxos*, revista laboratório que propõe a expressão jornalística por meio de gêneros textuais variados, fotos ou outros recursos gráficos. A publicação é um espaço aberto para a experimentação do jornalismo opinativo, analítico e reflexivo e busca a pluralidade de vozes sobre um tema diferente a cada semestre. Neste caso, o tema foi “medo”.

A hora da estrela explora o gênero textual crônica por meio da expressão de opinião; da reflexão; da reconstrução e descrição de imagens; do uso da subjetividade; da intertextualidade com a obra de Clarice Lispector; do exercício de imersão na temática medo; da mistura de jornalismo e literatura e do registro do efêmero e episódico.

3 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista a formação de um profissional qualificado, a disciplina de Criação de Texto II, do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é voltada para o desenvolvimento da expressão pessoal e produção de gêneros textuais variados no âmbito do jornalismo opinativo.

Assim, além de cumprir os objetivos da disciplina a que se destinava, *A hora da estrela* desempenha o papel opinativo, expressivo e de intertextualidade a que se dispõe usando técnicas textuais, como a coloquialidade e a descrição cena a cena, ministradas em sala de aula.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A *Paradoxos*, revista laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é voltada para a produção de conteúdo opinativo e comporta não apenas textos, mas também outros tipos de expressões gráficas como charges, desenhos e ensaios fotográficos. A revista é mais do que um simples suporte, para a sua produção uma série de técnicas auxiliam na evocação da subjetividade dos alunos que a cada semestre trabalham



sob uma temática proposta pelo professor. *A hora da estrela* foi produzida em acordo com a temática do Medo que podia estar explícita ou implícita no conteúdo da crônica.

No âmbito técnico e teórico foram ministradas, durante o segundo semestre de 2008, aulas expositivas semanais com exercícios de análise e discussão de textos de Fernando Sabino (1987), Jorge de Sá (1987), Adilson Citelli (1994), José Marques de Melo (2003) e Ciro Marcondes Filho (2005). Millôr Fernandes foi indicado como referência na área da expressão criativa.

Foram realizados também fóruns de debate sobre a temática Medo no software Moodle, plataforma de apoio a aprendizagem que permite a realização de cursos on-line, construção de conteúdo e a interação entre discentes e docentes no ambiente virtual. Em alguns momentos os discentes dispuseram ainda da ferramenta wiki que admite a terceiros a possibilidade de adicionar, subtrair ou editar informações no texto de outrem.

No campo da subjetividade, foi realizado um trabalho bastante amplo que uniu técnicas de ruptura com a realidade e imersão pessoal na temática proposta. Entre elas podemos citar a entrevista com uma pedra. A proposta causou bastante estranheza, mas logo percebeu-se que a pedra era uma metáfora para um encontro com o “eu” que, entre outras finalidades, incluía a de trazer à tona medos e sentimentos, exercitar a abstração e deixar a “alma do cronista” fluir.

Para incentivar o desenvolvimento do olhar diferenciado sobre os fatos circunstanciais e a percepção jornalística destes, foi proposta a didática que previa observação e descrição de episódios do cotidiano. A construção deste olhar mais crítico foi sustentada na leitura do livro de Ciro Marcondes Filho (2005, p.31), onde o autor defende a hipótese de que as pessoas olham a cidade em “plano geral”, ou seja, sem enxergar verdadeiramente aquilo que lhes é apresentado e sem a preocupação com o detalhe. Segundo ele, Nietzsche dizia que por causa da velocidade da vida o espírito e os olhos se acostumam a ver tudo pela metade (apud FILHO, 2005). “É evidente que dessa forma jamais estaremos, atentos aos detalhes: àquela casinha abafada no meio dos prédios, àquele paralítico tentando subir a ladeira, às flores amarelas do ipê que começam a aparecer no fim do inverno” (FILHO, 2005, p.33), afirma ele.

Ainda sob a hipótese de FILHO (2005) foi feita uma saída a campo ao Cemitério da Consolação para que os alunos pudessem aplicar na prática os conceitos e exercícios realizados em sala de aula. O local foi selecionado tanto por sua proximidade com a universidade, quanto com a temática Medo e pela riqueza artística das esculturas presentes



nos túmulos. Lá se encontram obras, de grandes expoentes da arte como Victor Brecheret e Bruno Giorgi e túmulos de personalidades como Monteiro Lobato e Campos Salles.

A capacidade de abstração, associação e contextualização foram trabalhadas a partir da expressão do olhar jornalístico. Salientou-se que para desenvolver essa capacidade é preciso ultrapassar a barreira do “achismo” e entregar-se a experiência da observação atenta já que nas palavras de FILHO (2005, p.28-29), somos “inundados de imagem” que nos “sufocam”. Isto posto, SÁ (1987, p.22) relembra que a coloquialidade e o lirismo recorrentes nas crônicas não devem ser interpretados como superficialidade e sim como ferramentas que recriam um “momento belo da nossa vulgaridade diária”. E ele segue, a tarefa do cronista

consiste em ser o nosso porta-voz, o intérprete aparelhado para nos devolver aquilo que a realidade não-gratificante sufocou: a consciência de que o lirismo no mundo de hoje não pode ser a simples expressão de uma dor-de-cotovelo, mas acima de tudo um repensar constante pelas vias da emoção aliada à razão (p.12-13).

As produções de Fernando Sabino (1987) e outros cronistas consagrados também contribuíram grandemente para o desenvolvimento da capacidade de recuperar a essência e a importância do circunstancial na produção de crônicas.

A hora da estrela buscou aliar ensinamentos adquiridos em sala de aula e elementos do repertório pessoal. Embora a temática Medo tenha sido pré-estabelecida, a escolha do foco e o encaminhamento da crônica foram pessoais. A intertextualidade com a obra de Clarice Lispector se deu pela similaridade entre o atropelamento de Macabéa, personagem de Lispector, e o de uma pessoa em situação de rua vivenciado pela discente.

O compromisso de escrever somado aos exercícios de aguçamento do olhar garantiram a aproximação entre o verídico e a imagem abstrata do acidente descrita por Clarice Lispector. Além disso, essa realidade propiciou uma nova leitura do livro, atitude essencial para o encontro do elo entre os dois atropelamentos e a temática Medo. Pode-se dizer que o medo e a impotência diante da morte são a alma da crônica e podem ser captados no seguinte trecho do último capítulo da obra de LISPECTOR (1999):

Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções [...]. Via-se perfeitamente que estava viva pelo piscar constante dos olhos grandes, pelo peito magro que se levantava e abaixava em respiração talvez difícil. Mas quem sabe se não estaria precisando de morrer? Porque há momentos em que a pessoa está precisando de uma mortezinha [...]. A vida é um soco no estômago. [...] Por enquanto Macabéa não passava de um vago sentimento nos paralelepípedos sujos. [...] Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. [...] O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue [...]. Ela estava enfim livre de si e de nós. [...] Pronto

passou. [...] meu Deus só agora me lembrei que a gente morre. Mas – mas eu também?! (LISPECTOR, 1999, p. 80-86)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A hora da estrela é uma crônica que buscou unir técnicas aprendidas em sala de aula e elementos do repertório pessoal. A abertura do texto é feita com uma crítica negativa sobre a experiência pessoal de leituras de títulos consagrados da literatura, no período pré-vestibular. A livro de Lispector, por sua vez, além de repleto de subjetividade foi escrito em cima de uma ironia muito bem construída e que a primeira vista pode não ser interpretada pelo leitor. Este é um dos pontos que dificulta a leitura, a torna maçante e muitas vezes difícil de ser apreciada por não ser de assimilação direta.

Em seguida, abre-se um questionamento sobre o que teria motivado Clarice Lispector a escrever o livro *A hora da estrela*, obra que conta a narrativa de uma jovem nordestina que segundo ela “[...]mal tem corpo para vender, ninguém a quer [...], não faz falta a ninguém [...] deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita [...]” (1999, p.13-15). Após essa espécie de catarse, o enredo da crônica é dirigido para a realidade onde são apresentadas as circunstâncias do momento em que pela janela do ônibus a autora visualiza o corpo de um homem estendido no asfalto de uma avenida de grande movimento, na zona oeste de São Paulo. É interessante perceber que neste instante há uma ruptura abrupta do ritmo do enredo no exato instante em que será exposta a perplexidade e impotência perante a morte, sentimentos que também ficam claros no último capítulo do livro de Clarice Lispector.

Fazendo uso da linguagem coloquial e despojada da preocupação com o aprofundamento literário houve o esforço de reconstruir o cenário do atropelamento e a aparência física do acidentado.

A intertextualidade entre o livro e a crônica é mais evidente no final do texto quando voltam os questionamentos sobre o que teria motivado Clarice Lispector a escrever um livro “cheio de coisas deprimentes e tão reais”, escreveu-se na crônica. Em contrapartida, há um afastamento da questão lógica e uma aproximação da subjetividade em que é tecida a idéia do encontro de uma lógica particular de quem escreve.

A crônica finaliza sob a ótica de que Macabéa morre como a “estrela” de sua morte, enquanto o outro atropelado torna-se apenas mais um acidentado da cidade de São Paulo, que diferente da personagem, não tem atenção sequer no momento da morte.



6 CONSIDERAÇÕES

“Perceber o mundo é não distanciar-se das coisas para envolver-se com elas, mas uma fusão: nós nos fundimos, os nos dissolvemos no mundo”, afirma FILHO (2005, p. 31). E foi assim que os exercícios do despertar do olhar diferenciado e sensível do cronista, acompanhados da contribuição pessoal de cada aluno, resultaram em textos com linguagens e assuntos diversos.

A princípio *A hora da estrela* foi escrita sem ter claramente um elo com a temática medo, pois o enredo foi desenvolvido em razão da similaridade entre o atropelamento de uma pessoa em situação de rua e do Macabéa, personagem de Clarice Lispector (1999).

A ligação entre os dois acontecimentos e a relação com a temática Medo ficou mais evidente a partir de uma nova leitura do livro de Clarice Lispector que garantiu a interpretação da ironia presente nas entrelinhas e da angústia da morte claramente exposta nas últimas folhas do livro.

Porém, um trecho em particular contribuiu para que houvesse a percepção da ligação entre medo e morte:

Pensar é um ato. Sentir é um fato. [...] Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade?[...] porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (LISPECTOR, 1999, p.11).

O “delicado essencial” e a “falta de felicidade” se traduziram como morte. O final da crônica é acompanhado de pessimismo e tristeza, pois conclui-se que a morte do homem vista pela janela do ônibus é ainda pior que a de Macabéa, personagem que até este contexto representava a morte mais deprimente. Pois, Macabéa é vista por Clarice, que é lida por terceiros que não viram o homem solitário estendido no asfalto já sem vida e sem sua hora de “estrela”.

A experiência de imersão na temática e os exercícios do despertar do olhar atento e crítico para o circunstancial contribuíram para que o processo de realização da crônica se tornasse mais prazeroso e até mais gratificante do que se houvesse sido pedido o simples desenvolvimento de um texto baseado em teoria e características do gênero expostas em sala de aula.



O aprendizado adquirido, com todas as técnicas empregadas na elaboração de *A hora da estrela*, pode ser agora usado em outros gêneros textuais que não se restringirão a mesmice e a superficialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

FERNANDES, Millôr. Pif-Paf. **Enfim um Escritor sem Estilo**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/aberto/pifpaf/index.htm>>. Acesso em: 29 de set. 2008.

FILHO, Ciro Marcondes. **Perca tempo: é no lento que a vida acontece**. São Paulo: Paulus, 2005.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo opinativo**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987.

SABINO, Fernando. **A companheira de viagem**. Rio de Janeiro: Círculo do livro, 1987.